

PAPAI NÃO PODE MORRER

Depois do cruel ataque, coube às crianças a tarefa de manter vivo o pai gravemente ferido

Por JIM HUTCHISON

PARECE ENGUIÇADO – disse Wally Eamer, desviando o carro do velho caminhão que bloqueava parte da estrada.

Sua mulher, Sharleen, examinou cautelosamente os cinco homens que se encontravam junto do caminhão. Avarias eram comuns em estradas poeirentas no interior de Honduras, mas assaltos também eram freqüentes.

Ajudar as pessoas era instintivo para o casal canadense. Sharleen, 45 anos, ensinava primeiros socorros em vilas distan-

tes, enquanto Wally, 48 anos, diretor de um parque em licença temporária do trabalho, fazia consultoria para pequenas empresas.

O CASAL concluíra que sua participação de um ano num programa de voluntários em Honduras daria aos três filhos – Gil, 14 anos, Gwen, 11, e Struan, 8 – uma experiência enriquecedora.

– Qual é o problema? – perguntou Wally em espanhol, passando devagar pelo grupo.

– O motor não está pegando – respondeu um dos homens.

Wally considerou a situação: eram 13h15 de 3 de janeiro de 1998, uma tarde que prometia ser quente. Talvez decorressem horas antes que outro veículo passasse por ali. Além disso, a polícia lhes assegurara que o caminho que escolheram para as ilhas na costa de Honduras – onde passariam uma semana de férias – estava livre de bandidos.

– Fiquem no carro. Vou ver se posso ajudar – disse Wally à família, tomando a precaução de parar 30 metros à frente, no acostamento.

Deixando o motor ligado, ele voltou e cumprimentou os homens.

Enquanto Wally olhava sob a capota do motor do caminhão, um homem magro mas forte foi até o carro e parou ao lado da porta do passageiro. Com um sorriso afetado, ele tirou uma pistola semi-automática calibre 22 de um coldre nos quadris e a apontou para as três crianças. Gwen levantou as mãos para se proteger da arma, enquanto Struan se encolhia atrás do irmão mais velho.

– Não! – gritou Sharleen, fechando o vidro da janela.

Wally deu meia-volta ao ouvir o grito da mulher e viu o que estava acontecendo. Para desviar da família a atenção do pistoleiro, andou depressa até ele, que apontou a arma em sua direção. Olhando-o nos olhos, Wally chamou:

– Venha cá.

E encaminhou-se para a traseira do carro. O homem o seguiu, com a arma à altura do peito de Wally.

– Guarde essa arma – disse Wally com calma. – Estamos tentando ajudar, e você ainda ameaça minha família?

– Quero que me dê suas armas – disse o homem com rispidez.

Wally percebeu que aquela era uma suposição razoável; qualquer pessoa em Honduras que pudesse comprar um carro caro provavelmente teria uma arma. E raciocinou: *Se ele souber que não temos arma, vai fazer o que quiser conosco.*

– Não – respondeu Wally, balançando a cabeça.

Eles só tinham alguns segundos. Wally tentou se levantar,

O homem recuou até a janela traseira e mais uma vez apontou a arma para as crianças.

– Quero as armas e o dinheiro – rosnou ele.

– Não – repetiu Wally, temendo que os bandidos os matassem para não deixar testemunhas.

Desesperado para tirar as crianças da linha de fogo, Wally caminhou a passos largos até a porta traseira do lado do motorista, abriu-a e mandou que os filhos saíssem. Eles obedeceram, apressados, e ficaram juntos, tendo o chassi do carro como escudo contra o pistoleiro. Wally mais uma vez voltou à traseira do carro e fez sinal para o bandido se aproximar. Ele tinha um trunfo na manga.

EM 20 ANOS de casamento, Wally e Sharleen haviam passado muitas férias em viagens de aventuras, e seu planejamento e trabalho em equipe já os tinham livrado de situações difíceis, incluindo ataques de ursos. Para sua permanência em Honduras, haviam concebido um plano no caso de um assalto: ambos tentariam pôr as crianças a salvo, mesmo que isso significasse deixar o outro para trás.

Quando o pistoleiro concentrou a atenção em Wally, Sharleen deslizou para o banco do motorista e os meninos voltaram em silêncio ao carro. Olhando pelo retrovisor, Sharleen rezou para que Wally conseguisse

convencer o homem a desistir. De qualquer forma, ela estava pronta para dar a partida e sair rápido dali.

De repente, o bandido ficou agitado. Um dos homens no caminhão agarrou a bolsa para ir embora, sem querer testemunhar o que estava para acontecer. *Vá agora, Sharleen!*, suplicou Wally em silêncio.

O pistoleiro recuou três passos, mirou e disparou. Wally girou e caiu de joelhos, gritando e agarrando a virilha, enquanto a dor excruciante lhe percorria o corpo inteiro.

Sharleen sabia que devia ir embora, mas não podia deixar o homem que ela amava morrer num acostamento de estrada. Ela voltou correndo até onde Wally estava caído com a perna sangrando.

O bandido virou as costas para eles, agitando a pistola e gritando com os companheiros.

– Precisamos sair daqui – Sharleen disse a Wally, tentando arrastá-lo em direção ao carro.

Ela sabia que dispunham apenas de alguns segundos antes que o homem voltasse e acabasse com eles. Wally tentou se levantar, mas a perna esquerda não obedecia a seu comando. Amparado por Sharleen, ele foi saltando até o carro com a perna boa e se atirou em cima das crianças. Sharleen voou para o banco do motorista e engatou a marcha. Forçou-se a não olhar para trás, concentrando-se numa curva à esquerda, à sua frente. *Se eu for balea-*

ras a perna esquerda **não obedecia ao comando.**

da, Gil vai ter de assumir o volante depois daquela curva.

Gil, que pulara para a frente, viu o bandido se virar ao som do motor sendo acelerado. O rosto do homem se contorceu de raiva e ele correu para a janela traseira aberta e começou a atirar descontroladamente. Gil se abaixou quando a bala bateu com um ruído surdo no topo do banco do passageiro na frente. Mais uma bala passou de raspão pela proteção plástica do cinto de segurança de Sharleen, por pouco não lhe atingindo a coxa. Cartuchos vazios caíram sobre Struan quando um terceiro tiro abriu um sulco na moldura da janela. Por fim o pistoleiro foi deixado para trás, ainda disparando contra o automóvel.

Sharleen fez a curva derrapando e gritou, a voz cheia de pavor:

– Alguém foi atingido?

– Ninguém – tranquilizou-a Gil.

AS CRIANÇAS, atordoadas, olhavam o pai comprimindo a mão contra a mancha de sangue que crescia, encharcando-lhe o *short* branco. A bala havia atingido a artéria e a veia femorais. Se não fizesse pressão para vedar esses vasos, Wally sangraria até a morte em poucos minutos.

– Pressionem o ferimento dele! – ordenou Sharleen, pisando fundo no acelerador.

Inclinando-se para trás, Gil apertou as mãos sobre a mão do pai. Wally fez uma careta de dor e seus olhos se reviraram.

– Muito bem. Apertem o máximo que puderem – instou Sharleen.

Gwen comprimiu o cotovelo sobre as mãos de Gil e Wally. Mesmo assim, o sangue jorrava-lhes entre os dedos e logo ensopou o assento.

– Precisamos levá-lo para um hospital – disse Sharleen, dirigindo o mais rápido possível.

Manobrando sobre pontes de madeira e chapinhando em regatos, ela de súbito se deu conta de que não tinha a menor idéia de que direção tomar. Após dez minutos, Sharleen parou numa bifurcação na estrada. Se tomasse o caminho errado, isso custaria a vida de Wally. Então avistou um restaurante e pessoas por perto.

– Qual é o caminho para Juticalpa? – gritou, sabendo que nessa cidade ficava o hospital mais próximo.

Um rapaz veio até eles. Chocado ao ver um homem e três crianças ensangüentados, apontou para o caminho à esquerda.

– É por ali!

Sharleen partiu, cantando pneu.

Deus, estamos precisando muito do Senhor!, ela rezou. Nada podia fazer para salvar Wally, a não ser dirigir. Cabia às crianças manterem o pai vivo.

Wally jamais sentira tamanha dor.

– Filho, tem algo que eu possa morder? – perguntou a Struan.

Ao procurar pelo interior do veículo, o menino encontrou o caderno de endereços vermelho de Wally. Quando viu o pai morder o objeto com for-

ça, inclinou-se e lhe beijou a testa.

– Amo você, papai. Por favor, não morra! – suplicou.

– Vou fazer o possível – prometeu Wally.

No entanto, sabia que estava gravemente ferido. A exaustão parecia ir dominando-o e ele lutava contra a vontade de dormir.

Depois de mais dez minutos dirigindo, Sharleen sinalizou para um veículo e uma passageira se ofereceu para guiá-los até o hospital. Em Juticalpa, enquanto corriam por ruas transversais buzinando, as pessoas saindo da frente apressadas, Wally disse em voz débil:

– Acho que não agüento nem mais cinco minutos.

– Vai agüentar sim, papai. Já vamos chegar – animou-o Struan.

Respirando com muita dificuldade, Wally sentiu que estava perdendo a luta.

Trinta minutos após o assalto,

Sharleen atravessou aliviada os portões do pequeno hospital.

O ROSTO DE WALLY estava lívido quando dois auxiliares de enfermagem o levaram correndo para a Emergência.

– Qual o seu tipo sanguíneo? – indagou a médica, ao cortar o *short* empapado em sangue e aplicar-lhe soro para elevar o volume de sangue.

– A negativo – respondeu Wally.

A médica olhou para Sharleen.

– Sinto muito, mas não temos esse tipo de sangue. Vocês vão ter de ir para Tegucigalpa – disse ela, aplicando uma bandagem de pressão enquanto falava. – Vamos providenciar uma ambulância e um motorista.

Perplexa, Sharleen protestou:

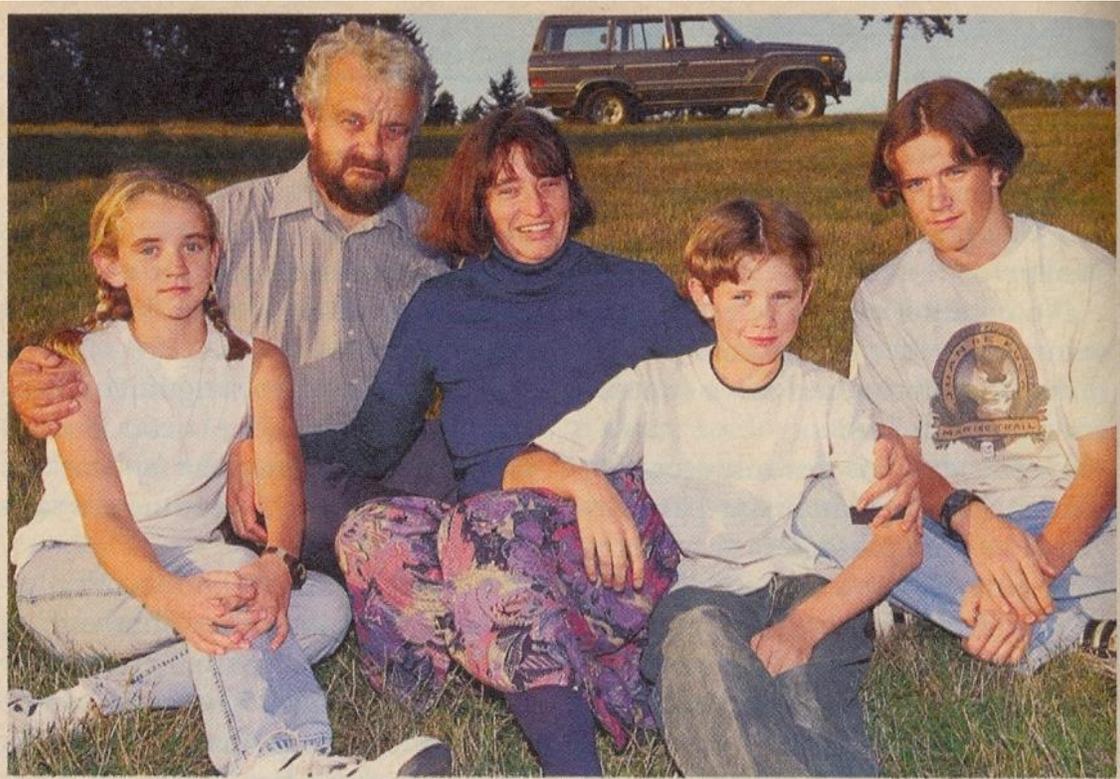
– Mas isso fica a mais de duas horas daqui!

– Não há outro jeito – replicou a médica.

Às 15 horas, após mais de uma hora no hospital, Wally foi levado para a ambulância. Sua perna estava agora comprimida por ataduras. Um litro de soro – os dois últimos frascos do hospital – fluía para seu braço. O precário pronto-socorro não dispunha de enfermeiros para a viagem, de modo que Gil e Gwen foram na ambulância com Wally, enquanto Sharleen e Struan seguiam no carro.

– Mantenham-no acordado – implorou Sharleen. – Não permitam que ele entre em choque.





Salvação – O destino de Wally Eamer estava nas mãos de sua família.

No entanto, antes de partirem, souberam que a ambulância não tinha gasolina suficiente. Sharleen pagou 40 dólares para encher o tanque. E, enfim, com as luzes piscando, partiram velozmente pelas estradas sinuosas do interior, rumo à capital hondurenha.

Do ferimento externo agora corria apenas um filete de sangue, mas logo o sangramento interno fez com que a perna e o escroto de Wally inchassem. Ele se contorcia de dor. Gwen e Gil viram os dois frascos de soro desaparecer com rapidez alarmante.

Depois de meia hora o soro acabou e o tubo foi ficando vermelho à medida que o sangue ia aos poucos ocupando o espaço vazio. Os dois não tiveram alternativa a não ser desconectá-lo.

Trinta minutos mais tarde, Wally começou a tremer sem parar. Gwen berrou, pedindo que o motorista estacionasse.

As crianças viram o rosto do pai empalidecer e compreenderam que ele estava entrando em choque.

– Precisamos de cobertores, água e analgésico! – gritaram elas para a mãe.

Depois de aquecerem o pai, a ambulância tornou a partir. Wally rangia os dentes em agonia, a coxa agora com o dobro do tamanho normal. Sempre que ele sentia a escuridão se aproximando, ouvia a voz dos filhos:

– Você está bem, papai. Não desmaie.

A cabeça de Wally ia para a frente e para trás, enquanto ele murmurava:

– Deus, por favor, proteja minha família.

– Pai, pai, acorde! – gritava Gil.

Wally, porém, sentia-se sendo levado para um lugar tranqüilo. Não havia maneira melhor de morrer, com a família a seu lado.

Então, lembrou-se de onde estava. *Vamos lá! Você prometeu aos garotos fazer o possível para manter-se vivo*, repreendeu-se, lutando para recuperar a consciência.

Com a sirene soando, a ambulância disparou pelas ladeiras de Tegucigalpa. Às 17h30 – mais de quatro horas depois de Wally ter sido baleado – chegaram ao hospital. A equipe médica que o preparou para a cirurgia ficou perplexa por ele ter sobrevivido tanto tempo. Perdera três litros de sangue, metade do volume de sangue de seu corpo.

VOU FAZER o que puder – disse o cirurgião vascular José Carlos Alcerro Diaz a Sharleen –, mas não sei se podemos salvar a perna dele.

Na sala de cirurgia, o Dr. Alcerro Diaz prendeu com grampos cirúrgicos a artéria e a veia que sangravam. Ambas estavam muito danificadas. Reparando primeiro a veia, ele suturou cuidadosamente as extremidades lesadas. Começou então a delicada tarefa de costurar um enxerto artificial de quatro centímetros, a fim de unir as extremidades destruídas da artéria.

Depois de duas horas e meia, o ci-

rurgião prendeu a respiração ao retirar os grampos – e sorriu aliviado quando o sangue fluiu com força para a perna inchada de Wally.

No dia seguinte, Wally já estava fora de perigo e os médicos o informaram de que não perderia a perna.

Autorizados a ver o pai, os meninos entraram no quarto do hospital, um de cada vez.

– Obrigado por terem me ajudado – disse Wally a Gil, Gwen e Struan.

Nove dias depois um furúnculo lhe apareceu numa das nádegas.

– Isso não é furúnculo. É a bala – afirmou Sharleen.

A bala foi removida e, no dia seguinte, Wally deixou o hospital com a ajuda de muletas.

Sharleen deu mais quatro cursos de primeiros socorros durante a recuperação de Wally em Honduras. Em fevereiro ele já conseguia andar mancando por um quilômetro e a família foi de carro – sempre pela rodovia principal – às ilhas na costa de Honduras gozar as férias que haviam perdido. Em março, voltaram para casa, no Canadá.

De posse da descrição detalhada que os Eamers fizeram do pistoleiro, a polícia hondurenha conduziu uma investigação, mas o bandido não foi capturado. Como recordação de sua boa sorte, Wally Eamer guardou a bala que quase o matou.

– Sinto muito orgulho dos meus filhos. Eles me salvaram a vida – diz ele, sorrindo. ■